



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 160/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

KADAFI

Não me convence a visão de Kadafi como vítima das potências colonialistas, como ele mesmo se quer caracterizar. A rebelião original dos líbios é a mesma da Tunísia, do Egito, do Iêmen, do Bahrein e da própria Síria. É a revolta contra velhos e corruptos ditadores, todos submissos aos interesses do grande capital, com exceção do caso da Síria quanto a esta submissão. Os colonialistas hesitaram no início: Kadafi, antes contestador revolucionário, e até terrorista, havia se tornado um bom amigo; só aderiram à rebelião líbia quando ela atingiu uma dimensão tal que os rebeldes tomaram o controle da região petrolífera e a queda de Kadafi parecia iminente. No Iêmen e no Bahrein continuam apoiando os governos que também reprimem com violência as manifestações, embora a repressão lá não tenha ainda atingido a feição de um massacre de forças armadas contra população civil, como estava começando a se configurar na Líbia. O grande capital procura sempre se aproximar e apoiar a facção politicamente mais forte, para continuar enraizado no país, sugando-lhe a seiva. No Egito deve agora estar tecendo mil cordões para apoiar os grupos de maiores chances eleitorais em setembro. De qualquer forma, é um avanço o enquadramento dos colonialistas num processo eleitoral.

Apoiar ou não uma intervenção militar das grandes potências na Líbia era, realmente, uma decisão difícil. Porque é difícil ficar inerte, assistindo a um massacre perpetrado por um ditador para continuar oprimindo o povo do seu país. Mas ainda assim, minha opinião é de que o Brasil agiu certo ao se abster na votação dessa decisão, e não aprovar explicitamente a intervenção. Uma ação militar de grande potência sobre um país fraco caracteriza sempre uma violência que abate o princípio da independência e consolida mais e mais a vigência da abominável lei do mais forte. O Brasil tem grande tradição na rejeição desta lei realista e imoral, e deve sempre seguir e cultivar essa bela tradição que fundamenta sua aspiração de ser potência da paz. Nessa perspectiva, em todos os casos de graves conflitos internos num país, devem-se, primeiramente, esgotar todas as possibilidades de negociação, através de legítimas pressões exercidas pela ONU em nome da humanidade, e só então, posteriormente, se desencadear a intervenção física, sempre por meio de forças de paz da própria ONU, como acaba de ocorrer na Costa do Marfim.

Os realistas, os pragmáticos, obviamente, não aceitam essas contemporizações e priorizam a eficácia da intervenção rápida. Justificam-se pelo caráter humanitário da intervenção, pela defesa da democracia, das liberdades e dos direitos humanos. Entretanto, a História ensina a duvidar dessas justificativas. O caso em pauta tem um dado preliminar importante: houve debate a aprovação do Conselho de Segurança da ONU, o que dá uma certa dimensão de legitimidade internacional à ação militar da OTAN, obrigando os países que não a apoiaram com seu voto, como o Brasil, a reconhecer o respaldo da iniciativa, que não existiu nas invasões do Iraque e do Afeganistão.

O problema que cresce assustadoramente é que Kadafi na verdade não estava tão fraco e isolado como se acreditou no início, e soube se fortalecer junto ao seu povo, reagindo à intervenção dos colonialistas. A rebelião é popular mas o apoio ao ditador é maior do que se esperava, e ele resiste surpreendentemente, conclamando o povo ao combate contra os agressores, colocando as potências ante a questão de como proceder neste impasse. A meu ver, não há alternativa senão entregar o caso à ONU, que existe para resolver esses problemas. É lenta, pesada, a ONU, mas fala e age em nome da humanidade; tem força moral para impor o cessar-fogo e habilidades para negociar a paz, ainda que demore anos.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 160/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

A teoria da sustentação da paz é brilhante e vigorosa de argumentos. A prática, entretanto, é difícil, deve-se reconhecer. Há que desenvolver aptidões para esta prática, pela educação, pela cultura, e até por uma escolaridade específica. O mundo precisa urgentemente de instituir e instalar Escolas da Paz, para cultivar e desenvolver vocações pacificadoras, para formar Cidadãos da Paz.

Aproveito para anunciar e divulgar um excelente projeto que conheci recentemente, idealizado por um brasileiro, o doutor Clóvis Brigagão, antigo defensor do desarmamento, hoje Doutor da Paz. Trata-se do projeto de criação da Escola Sérgio Vieira de Melo, nome de outro brasileiro recolhido no panteão mundial da paz. Caracteriza-se verdadeiramente como uma Escola da Paz, um projeto altamente relevante, especialmente prioritário para o Brasil, que quer solidificar, desdobrar e propagar sua antiga e robusta vocação de Potência da Paz.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br